

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTÍSTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colónias e Hespanha	Assignatura conjunta do Século, Suplemento Humorístico do Século e da Illustração Portuguesa	PORTUGAL, COLÓNIAS E HESPAÑA	
Anno..... 4\$800	Anno..... 18000	Trimestre..... 55000	25000
Semestre..... 2\$400	Semestre..... 4\$000	Mez (em Lisboa).....	700
Trimestre..... 1\$200			

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: UMA PEGA RIJA (*cliché de Benoit!*) • **Texto:** A MÃO DE EL-REI, 1 illustr. • O TENOR PORTUGUEZ ALFREDO GAZUL, 3 illustr. • UMA FESTA NO PARQUE DE PALHAVA, 2 illustr. • VISITA DE EL-REI À ESCOLA POLYTECHNICA, 2 illustr. • O QUE É E O QUE SERÁ A «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA», 23 illustr. • FESTAS RELIGIOSAS, 1 illustr. • UMA EXCURSÃO A COIMBRA, 2 illustr. • FESTA INFANTIL EM PARIS: CRIANÇAS PORTUGUEZAS PREMIADAS, 1 illustr. • UM DIA DE TOUROS: BOMBITA NO CAMPO PEQUENO, 3 illustr. • VIAGEM DO CRUZADOR D. AMELIA AO BRAZIL, 3 illustr. • O CAMELOT, 2 illustr. • • •

1890

BELEZA DO ROSTO

O LEITE ANTEPHELICO
ou Leite Candês
puro ou misturado com agua, deslupa
Sardas, Toz Crestada
Pintos, Rubens, Borrulhas
Fardões, Fardões
Fardões, Fardões
conserva a cutis lisa e
CABRIS, Paris

1890

BELEZA DO ROSTO

O LEITE ANTEPHELICO
ou Leite Candês
puro ou misturado com agua, deslupa
Sardas, Toz Crestada
Pintos, Rubens, Borrulhas
Fardões, Fardões
Fardões, Fardões
conserva a cutis lisa e
CABRIS, Paris

Livraria da CASA ANDRADE

DE 52, Rua Maciel Pinheiro, 52
Paula & Andrade Parahyba do Norte **BRAZIL**

Aceita consignação de livros e revistas de qualquer paiz

LOCAO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS
Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as afecções do couro cabeludo
L. DEQUEANT, Pharmacien, 38, Rue Clignancourt, Paris
Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.
A. VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

O PASSADO, PRESENTE E FUTURO REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

MADAME BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chronologia e physiognomonia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lamproze, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, rancez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, Rua do Carmo, sobre-loja—LISBOA. Consultas a 4\$000 rs., 2\$500 rs. e 5\$000 rs.

PARFUM FLORAMYE L.T. PIVER PARIS

PRINCIA VIOLET NOUVEAU PARFUM 29, Bd DES ITALIENS, PARIS

AGUA CASTELLO

PREMIADA em todas as EXPOSIÇÕES e TORNEIOS PARIS e LISBOA

ALIMENTO DELICIOSO!
BANANINE MIALHE
Farinha de Bananas esterilizada chocolateada e phosphatada
Recomendada aos estomagos delicados
CRIANÇAS - CONVALESCENTES - VELHOS
Farmacia do D. MIALHE,
PROFESSOR NA FACULDADE DE MEDICINA
9, rue Favart, PARIS

L'Epil'vite
L'Epil'vite

CREME EPILATORIA
prompta a ser empregada.
Resultado garantido

instantaneamente as penugens desengorçadas, a barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo. Não produz borbulhas, não irrita a pelle e mais delicada M. A. GRAZIANI, Pharm. de 1^a classe, 63, Rue Rambuteau, Paris. Agente dep. Portugal: CURIEL & DELIGANT, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa. Preço do frasco pequeno 800 Reis e do frasco grande 1.400 Reis.

NOVO DIAMANTE AMERICANO A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 1\$000 rs. o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 rs. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa

96, Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)
LISBOA

DISCOS Simplex

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canções dos melhores autores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de J. Castello Branco.—Preços excepçionaes. Grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas falantes. Pedir catalogos.

J. CASTELLO BRANCO
R. DE S. ANTÃO, 32, 34 e 82—LISBOA



A MÃO DE EL-REI D. MANUEL

Por ocasião da recente visita realizada por El-Rei ao hospital de S. José, o augusto soberano annuiu ao pedido, que lhe foi feito pelo sr. dr. Azevedo Neves, director do laboratorio de analyse clinica annexo áquelle estabelecimento, para consentir que lhe fosse tirada a radiographia da mão.

A operação foi logo executada pelo sr. dr. Feio e Castro, que é habilissimo nos trabalhos d'este genero, e é uma prova da respectiva chapa que apresentamos aos nossos leitores como um documento interessante.



O TENOR PORTUGUEZ

Alfredo Gazul

O nome de Alfredo Gazul, que teve uma hora bastante lisonjeira de triumpho, principiára a esquecer desde que ha bastante tempo a doença o forçára ao constante isolamento, e por isso quando os jornaes publicaram recentemente a noticia da sua morte, para os que o não tinham conhecido nos seus dias de gloria, passados já ha trinta annos, e depois só o teriam ouvido nomear apenas em qualquer referencia vaga, foi ella que de facto constituiu a revelação da existencia d'esse tenor portuguez e distincto compositor musical.

A Italia acolhera-o com valiosos applausos em alguns dos seus melhores theatros lyricos; cantára com acentuado successo na Austria e na Hespanha; Lisboa e o Porto ouviram-no igualmente com enthusiasmo, em noites celebres de S. Carlos e de S. João. Mas, tudo estava bem distante, e a memoria dos homens é curta. Os jornaes que lhe haviam tecido louvores encomiasticos amarellecera-os o tempo. As lyras dos poetas que o tinham celebrado estavam de ha muito emmudecidas.

De resto a sua carreira de cantor, que lhe dera esses triumphos, de ha bastante que concluíra tambem. Havia já trinta annos que esses poetas lhe tinham dito:

La tua voce nel cor dolce mi suona
Come canto del cielo a me venuto;
Cerca ogni fibra ed all'applauso sprona
Spirando amor s'ogni altro affectos è muto,

Quando la nota tua dolce sorvola
Ad un'onda di suoni armoniosa,
Sembra un'eco d'angelica parola.

Eram bem longinquas essas lembranças, e para elle proprio, até, apesar da saudade que lhe despertariam, porventura começavam a esfumar-se, a diluir-se gradualmente na neblina desoladora do passado.

Depois de elle se ter ido, porém, d'essa maneira, silencioso, esquecido, não deixaremos, aproveitando a triste oportunidade da morte, de contar aqui a sua interessante e curiosa biographia artistica.

Alfredo Gazul pertenceu a uma familia de musicos. O pae era professor de flauta no Conservatorio e tocava este instrumento



Alfredo Gazul,
em 1876, na Favorita
(CLICHÉ DE EILON)

na orchestra de S. Carlos. Chamava-se José Gazul e é tradição que se dizia então que o som da sua flauta enchia o theatro, tal era a perfeição e o brio com que elle tocava os solos. Um tio, Francisco Gazul, era igualmente professor do Conservatorio. Foi este o pae de Francisco de Freitas Gazul, eximio compositor. Dos outros dois tios, um, João Gazul, era primeiro trompa de S. Carlos, e o outro, Pedro Gazul, um tocador habil de oboè. Os irmãos nasceram todos dotados de espontanea vocação musical: um, José como o pae, possuia uma magnifica e poderosa voz de tenor dramatico, que nunca quiz cultivar, porém, e o outro, Francisco como o primo, foi o seu primeiro professor de rudimentos de musica, aos sete annos, quem lhe ensinou a tirar os primeiros som da rabeça. Foi assim, pode dizer-se, que o apelido Gazul se alliançou indissolvelmente com a musica nacional.

Este ultimo irmão de Alfredo Gazul morreu novo ainda, e por isso elle teve de proseguir os seus estudos juvenis com o



Alfredo Gazul aos 36
annos

celebrado professor Francisco Alagarim, até que se matriculou no Conservatório, onde fez com distincção os cursos de rabeça, em que teve por mestres José Maria de Freitas e Filipe Real, de harmonia e de alta composição.

Desde os 14 annos entrou para a orquestra de S. Carlos como violino, e, por ser um tocador e solista primoroso, tomou parte em numerosos concertos e era convidado para tocar nas principaes casas fidalgas do tempo, que primavam então em realisar serões artisticos, entre os quaes destacavam, por esse tempo, os que davam os marqueses de Penafiel, nos quaes Alfredo Gazul algumas vezes se fez ouvir.

O cantor ainda a si proprio se ignorava, porém. Foi quando já tinha 22 annos, que o nosso artista começou a cultivar a voz maviosa, que descobrira possuir, de tenor de meio caracter. Exaltou-o, então, o entusiasmo artistico e resolveu ir estudar para Italia. Partiu dentro de pouco, com o producto obtido n'um concerto organiado por um grupo de amigos intimos e o auxilio directo de um d'estes, Caetano Leite, e em Milão, sob a direcção do famoso barytono João Corsi, aperfeicou-se no canto, manifestando de um modo exuberante e quasi inesperado as mais valiosas aptidões.

Em 1872, Alfredo Gazul, que tinha então 28 annos, estreivava-se finalmente no Theatro Comunale de Vigevano, com a *Lucrecia Borgia*. O mestre acudira de proposito para ouvi-lo na sua primeira noite, e o debutante revelou-se logo um artista de tal merito e tão indiscutiveis recursos, conquistou tanto as sympathias do publico desde essa primeira apresentação, que foi reconduzido para cantar, n'esse mesmo anno e no seguinte, a *Favorita* e os *Puritanos*.

A carreira lyrica de Alfredo Gazul constitue, d'ahi por diante, uma serie brilhante de triumphos, que se prolongam durante sete annos consecutivos.

De Vigevano vae a Turim, onde canta o *Elixir de amor* e uma opera nova *Amore alla prova*; de Turim a Milão, onde canta *Os diamantes da corôa* e *Uma aventura de Scaramuccia*; de Milão a Biella, onde canta a *Traviata*; de Biella a Savigliano, onde canta os *Puritanos* e o *Rigoletto*. Desempenha em Torti as *Educandas de Sorrento e Caïd*; em Genova o *Barbeiro de Sevilha* e a nova opera *La Fanciulla romantica*; em Piacenza o *Furioso*; em S. Remo a *Lucia e D. Pascoal*; em Fano a *Linda de Chamounix*; em Novara a *Força do destino*; em Florença a *Sapho*. Cada epoca enriquece mais o seu repertorio. Em Roma canta a *Sonnambula* com a celebre Donadio, e ambos a repetem depois em Milão e Turim.

Vae cantar na Austria os *Puritanos* e o *Rigoletto*, e quando regressa a Italia Gria, com Giraldoni e Carolina Ferni, a nova opera *Il violino del Diavolo*, que canta com estes dois artistas em Florença, Bolonha e Emilia. Na sua companhia vae tambem a Barcelona onde levam á scena a mesma opera, bem como *Sapho* e *Maria de Rohan*. Por esta occasião canta tambem no theatro Real de Madrid a *Sonnambula*, com Varesi.

Alfredo Gazul visitára a patria uma vez durante este periodo de tão largas perigrinações lyricas. Estivera no theatro de S. João do Porto fazendo a epoca de 1874-75, em que cantou, com notavel applauso, a *Favorita*, o *Rigoletto*, a *Traviata*, a *Sonnambula*, a *Linda*, a *Lucrecia* e o *Barbeiro*. O agrado que despertou valeu-lhe então o offerecimento de contracto para Lisboa, e effectivamente veio a S. Carlos cantar a *Sonnambula*, conquistando um verdadeiro triumpho. Em 1879 o illustre tenor voltou a Lisboa a fazer a parte de Carlo na *Linda de Chamounix*.

A sua carreira de cantor acabou já. Foi bastante preenchida, mas pode dizer-se tambem que foi rapida. Alfredo Gazul conta então trinta e cinco annos.

Desde então Alfredo Gazul consagrou-se, em Lisboa, ao ensino parti-



Alfredo Gazul
no Elixir de Amor

(CLICHÉ DE FILON)



Alfredo Gazul aos 27 annos

(CLICHÉ DE J. L. LOUREIRO)

a emissão da voz, dos quaes tirava excellentes resultados com os seus discipulos, e escrevendo um compendio de musica para o canto coral, um methodo de entoação e uma collecção de solfejos. A casa Neuparth editou tambem um compendio de rabeça seu.

Como compositor consagrou-se ao genero sacro, escrevendo diversas missas, entre as quaes uma que foi premiada com a medalha de ouro na Exposição Industrial Portuguesa de 1888. Deixou tambem escripto um Te-Deum, varias Salve-Rainhas e outras musicas religiosas.

Escreveu ainda uma opera intitulada *Lelia*.

O trabalho violento e aborrecido das lições não conseguia, porém, entibiar-lhe o seu amor pela divina arte, que o apaixonára desde a mocidade e que elle tão nobremente servira. Empeñava todos os seus esforços por desenvolver o gosto musical no publico e por criar e incitar artistas.

Associou-se com Rey Colaço, Victor Hussla e Cunha e Silva para organisarem os primeiros concertos de musica de camara que se realisaram em Portugal, e que tiveram de ser interrompidos pela doença de Gazul, visto não haver quem o substituisse na parte de violeta.

No theatro da Avenida, fez desempenhar por um grupo de discipulos seus, e sob a sua regencia, as operas *Somnambula* e *Pescadores de Perolas*, que depois se repetiram em Évora, no theatro Garcia de Rezende.

cular do canto, e em 1881 foi nomeado professor de canto coral das escolas municipaes n.º 2 e 6.

Dedicou-se conscienciosamente ao ensino, compondo uns exercicios para

Desde 1896, porém, Alfredo Gazul principiára a sentir manifestações rheumaticas, que em pouco tempo o tolheram completamente, apesar de ter recorrido a todos os meios



Gazul aos 50 annos

(CLICHÉ DA PHOT. UNIÃO, DE XAVIER & CORREIA)

de tratamento, como banhos thermaes, massagens, etc. Ainda depois de doente, foi, muito de doente, a Beja, cantar n'umas festas da Semana Santa, como fôra em 1891 ao Porto, expressamente contractado, cantar na egreja dos Congregados o *Stabat Mater*, como, em outras occasiões, se prestára a fazer-se ouvir em diferentes festas religiosas. Cada verão lhe trazia um agravamento do mal, e nos ultimos tempos o pobre artista não andava já senão n'uma cadeira de rodas, mostrando, comtudo, a maior paciencia e resignação, e occupando-se constantemente, apesar das dôres agudas que o martyrisavam, a compôr musica e ainda a dar lições.

A' primeira doença juntára-se uma nephrite, e depois uma lesão cardiaca, que lhe tornára perigosa qualquer commoção. O tragico attentado de 1 de fevereiro produziu-lhe, n'estas condições, um violento abalo, e d'ahi resultou abreviar-se o desfecho fatal.

Tal foi a vida do tenor portuguez Alfredo Gazul, tanto é, pelo menos, o que d'ella pode saber-se e apurar-se, porque poucos homens se defenderam como elle das suggestões da vaidade, clausurando-se tenazmente nos mais intransigente silencio a respeito de si proprio. E' bem natural que o artista, tendo experimentado a embriaguez do triumpho, não escapasse á nostalgia das suas noites de gloria: soffria-a, porém, intimamente, e nunca alguém o ouviu evocar esses triumphos e glorias.



Alfredo Gazul no Rigoletto

(CLICHÉ DE V. FORTE, DE SAVIGLIANO)

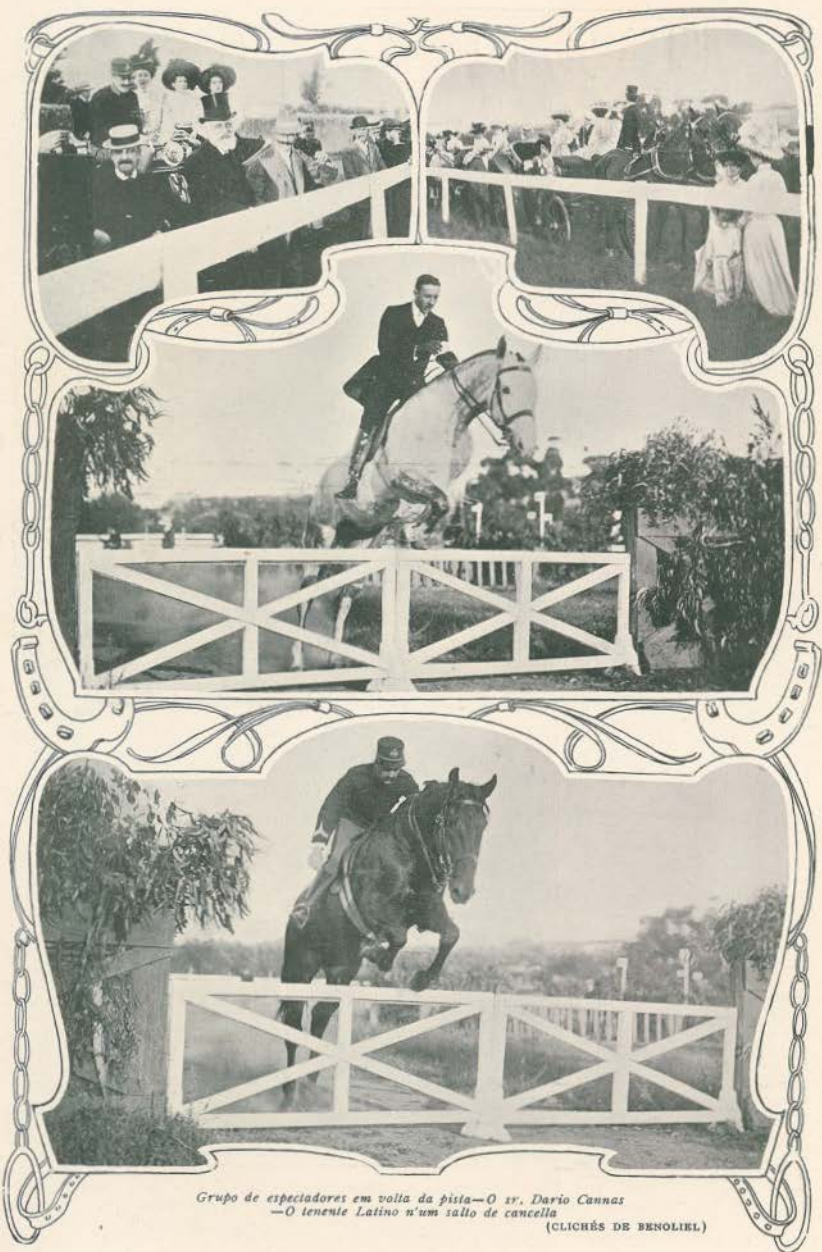


Photographia de Gazul tirada em sua casa, por um dos seus amigos, em setembro de 1907

UMA FESTA NO PARQUE DE PALHAVA



Um grupo de espectadores—O dr. Feijão fazendo o primeiro curativo ao tenente André Reis—O tenente André Reis no automóvel em que foi conduzido ao hospital —O tenente Silveira Ramos, primeiro classificado, saltando um obstáculo

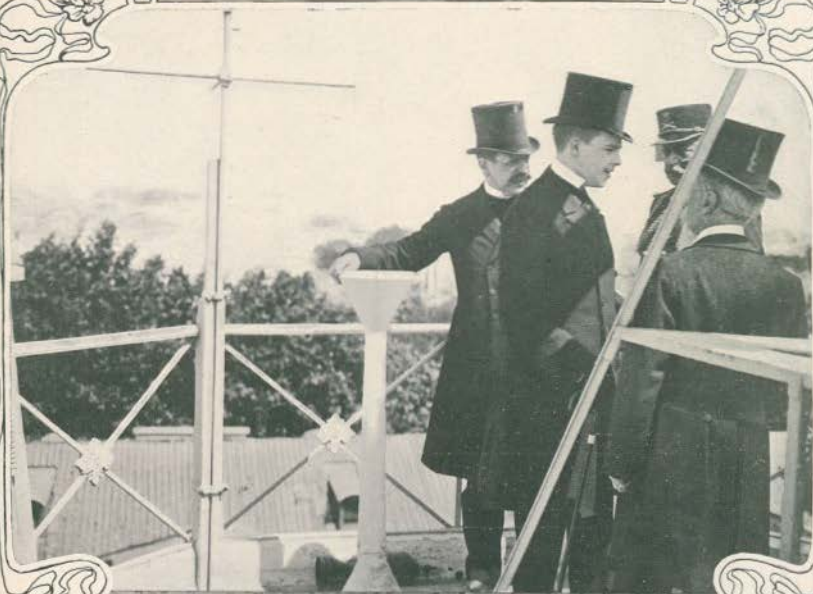


Grupo de espectadores em volta da pista—O sr. Davio Cannas

—O tenente Latino n'um salto de cancella

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

VISITA DE EL-REI Á POLYTECHNICA



No dia 3 do corrente sua magestade El-Rei visitou a Escola Polytechnica de Lisboa, onde tinha estado pela ultima vez como infante e na qualidade de simples estudante, poucas horas antes da tragedia de 1 de fevereiro. Foi alludindo a esta recordação dolorosa, que não poderia deixar de impressionar o seu espirito, que no ensejo de passar pelo laboratorio de chimica, onde trabalhou sob a direcção do professor Achilles Machado, o sr. D. Manuel disse commodidamente, dirigindo-se ao seu antigo mestre:



*El-Rei, conselheiro Pina Vidal, dr. Santos Lucas e major José Lobo, no ponto mais alto do Observatorio Infante D. Luiz
— El-Rei assignando o seu nome no livro do Museu Bocage*

— «Bom tempo aquelle que aqui passei! E bem ditoso!»

O chefe do Estado visitou o observatorio D. Luiz, subindo até ao respectivo mirante, todas as aulas da Escola, assistindo n'algumas a varias experiencias e demonstrações, e as diversas salas do Museu, comprehendendo as collecções de zoologia, geologia e mineralogia.

O corpo docente da Escola aguardou El-Rei na respectiva escadaria, e os alumnos, seus antigos condiscipulos, fizeram-lhe uma calorosa manifestação de sympathia.



Aspecto das casas fronteiras d' Escola—Os estudantes no atrio da Escola, esperando El-Rei

(CLICHÉS DE RENOLIEL)

O QUE É E O QUE SERÁ

A

«Illustração Portuguesa»

Ha algumas semanas já, os jornaos diarios publicaram uma informação referente á Illustração Portuguesa, motivada por um conflicto occorrido com os respectivos vendedores, aos quaes a nossa administração não pôde fornecer a quantidade de exemplares por elles exigidos. A extracção do jornal havia subido tão rapidamente que, apesar da encomenda, realisaa com antecedencia, de uma nova machina de impressão, não era, de modo algum, possível attender ás grandes requisições de numeras, cada vez mais avulladas, feitas pelo publico.

Este facto surpreendeu muitas pessoas, que conhecem menos intimamente a organização de um jornal e que, além d'isso, não suppunham, porventura, que uma revista litteraria e artistica como é a Illustração Portuguesa pudesse attingir no nosso meio, que tão avesso se mostrou sempre a todas as publicações de semelhante natureza, tão larga tiragem e venda como aquelle inesperado incidente veio denunciar.

Parcece-nos, por isso, offerecer uma certa opportunidade o artigo que hoje inserimos, descrevendo o que é a Illustração Portuguesa, a forma por que é feito cada um dos seus numeras, desde a preparação do texto litterario e das gravuras até á sua impressão e brochura, e annunciando desde já tambem o que será a Illustração Portuguesa realisadas as transformações que dentro de breve lhe vamos introduzir, no intuito de corresponder ao lisonjeiro acolhimento com que o publico se não tem caçoado de favorecer-nos. Os nossos leitores, estamos certos, de resto, que acolherão com curiosidade as informações, que vamos fornecer-lhes, sobre a vida interna do jornal com que se habitnaram a conviver todas as semanas.

Por nossa parte, confessamos o prazer que sentimos no entabolamento d'esta palestra com os amigos conhecidos e desconhecidos, que tão fielmente nos tem acompanhado.



Esperando a abertura da venda da Illustração Portuguesa

(CLICHÉ DE BENOLIEL)



A hora da venda, na rua Formosa

(CLICHÉ DE BENOLIEL)

UM DOS TRABALHOS DE HERCULES ❖ COMO SE FAZ A «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» ❖ A SUA CONFECCÃO LITTERARIA E ARTISTICA

Em cada semana, folheando o seu jornal profusamente illustrado, que lhe faz passar diante dos olhos, em uma extensa e completa série de imagens graphicas, os acontecimentos da actualidade, nenhum leitor da *Illustração Portuguesa* pensa um momento na somma de arduos esforços e de trabalho laborioso que custou a fazer esse numero.

Parece a todos a coisa mais facil e superficial d'este mundo, e, pelo contrario, a tarefa semanal de combinar e realisar essas paginas de modo a conquistarem o agrado transitorio de um publico caprichoso e de gostos tão diversos, como volueis, é uma das empras que a mythologia classica attribuiria a Hercules, se a tivesse conhecido.

Todas as difficuldades da organisação do jornal, accrescem e tornam-se mais complexas quan-

do se trata de uma revista illustrada com o feito da nossa, e cada dia traz a sua nova pena, pela necessidade incessantemente renascida de procurar a variedade, de achar novidades, para evitar a todo o transe que o paladar do leitor se embote, de acompanhar sem desfallencias a actualidade, que absorve especialmente toda a curiosidade moderna. Accrescente-se a estas ainda as difficuldades propriamente de caracter material, que n'uma publicação d'esta natureza igualmente augmentam, pela maior complexidade do seu trabalho tecnico, pela condiçào indispensavel de

nitidez, de cuidado artistico a que ella tem de obedecer.

Não é, por isso, simples, a confecção de um magazine como a *Illustração Portuguesa*, e os que assim o julgam, á primeira vista, por não serem do officio, enganam-se de todo. Se o esforço não se denuncia apparente, nem por essa circumstancia elle deixa de existir, e os que o prescru-tarem reconhecerão qual o grau intenso que elle assume na realidade para con-



O chefe da photogravura no seu gabinete



Machina photographica n.º 1,
onde se fazem os clichés
a meia tinta

Machina photographica n.º 2,
onde se fazem as orlas
das paginas

seguir executar essa ligeira obra, de ephemero destino, que constituem as paginas d'um jornal illustrado.

Vamos contar como se faz a *Illustração Portuguesa*, isto é, descrever como se confecciona cada um dos seus numeros, o fasciculo de cada semana. E' o nosso trabalho quotidiano, as nossas preoccupações de todos os dias, a cada um dos quaes basta e sobeja a sua pena, como diz a velha canção, que vamos referir. E não parecerá decerto estranho ou deslocado que, tendo contado tantissimas vezes, quando a imposição da actualidade tornou o assumpto flagrante, a tribulação conceptiva n'um atelier de artista, a lucta indomita com a imaginação e a fórma n'um gabinete de escriptor, a escrupulosa averiguação n'um laboratorio de sabio, a laboriosa actividade n'uma officina,

e legesse-mos tambem um dia para referir a vida intima da nossa casa, a cozinha,—para não desprezar o simile suggestivo, da *Illustração Portuguesa*. Nem lhe falta a actualidade, que o incidente do outro dia lhe trouxe, nem lhe faltará, bem o cremos, igualmente, o interesse da curiosidade cada dia mais geral.

A PREPARAÇÃO DE UM NUMERO
ILLUSTRAÇÃO DOS ARTIGOS E
ORNAMENTAÇÃO DAS PAGINAS
A REPORTAGEM PHOTOGRAPHICA DOS
ACONTECIMENTOS

Tomamos, pois, pelo braço, com a devida venia, um leitor da *Illustração Portuguesa*, e, como pessoas conhecidas, que se encontram e convivem desde ha annos, n'um dia impreverível de cada semana, sem que entre ellas tenha havido até hoje, que dêssemos pelo menos fé, qualquer attricto ou agravo de susceptibilidade, introduzimo-lo familiarmente na sala da redacção, onde se prepara, n'este momento, o plano do numero da proxima semana.

Começa-se por combinar o *menú*, se o nosso leitor, companheiro dá licença para abusarmos ainda uma vez do mesmo simile. Quer dizer, trata-se, primeiro que tudo, de discriminar quaes os assumptos que apresentam maior actualidade para os escolher de preferencia a outros. Calcula-se quantas paginas exige a reportagem photographica dos acontecimentos da semana e trata-se da illustração dos artigos



Laboratorio da machina n.º 1 e para
fabricação de productos



Pelliculado e invertido
dos clichés

seleccionados em obediência áquelle critério.

Essa illustração nem sempre é facil. Se se trata de uma monographia historica, por exemplo, é preciso procurar retratos e gravuras, que nem sempre são facéis de encontrar, que muitas vezes não se sabe de prompto, sequer, onde poderão parar. Conseguiu alcançarse, porém, obtendo reproduções de documentos da Bibliotheca Nacional, ou das bibliothecas da Ajuda e da Academia, ou ainda da preciosa collecção de Annibal Fernandes Thomaz. Esboça-se o plano da respectiva folha n'um caderno, e os desenhadores principiam os trabalhos da ornamentação e das orlas das paginas. E' claro que essa parte decorativa tem de ser adequada á natureza dos assumptos. Ha, tambem, que fazer a distribuição das gravuras correspondentes a cada artigo, calculando,—Deus sabe ás vezes com que transe!—o espaço que o texto e todo o conjunto demandam.

Chegam as provas photographicas relativas aos acontecimentos da semana. e é preciso escolher as que convém aproveitar, fazer egualmente en-



Impressão das chapas de zinco
—Preparação e desenvolvimento das chapas de zinco
(CLICHÉS DE ROCAFULL)

quadramentos e orlas para ellas. Ha uma que vale a pena ampliar ao tamanho de pagina, ou, como succede em casos mais exceptionaes, de uma dupla pagina. Outras teem de ser, pelo contrario, reduzidas, para se poder registrar a maior quantidade de documentação graphica.

Cada semana o reporter photographico da *Illustração Portuguesa* não faz regularmente menos de quinze duzias de chapas. São cêrca de 8-640 chapas photographicas empregadas por anno, e tomando o tamanho de 9x12 como média, poderia com ellas construir-se um amplo telhado de vidro com mais de novecentos metros quadrados.

Cortadas as photographias e dispostas conforme devem compôr as paginas, desenhadas estas, os respectivos originaes são enviados á officina da photogravura, enquanto o texto litterario vae, por sua vez, para a officina de composição typographica.

O TRABALHO DA PHOTOGRAVURA
DIVERSAS OPERAÇÕES
TECHNICAS DA
PHOTOGRAVURA Á TYPOGRAPHIA

Desçamos agora da redacção á officina da photogravura, onde vamos encontrar os originaes vindos das mãos dos desenhadores. O leitor que nos acompanha não espera certa-





UM ECLIPSE PARCIAL
 O papel empregado na tiragem dos 52 números annuaes da *Illustração Portuguesa*, todo desdobrado, cobriria uma area de 58 kilometros e 500 metros de comprimento por 38 kilometros e 380 metros de largura. Interposta entre o sol e a terra, esta immensa toalha de papel produziria o mesmo effeito de um grande eclipse, interceptando a luz sobre uma larga extensão em volta da cidade de Lisboa

mente ouvir-nos uma dissertação technica, que decerto pouco lhe interessaria e, demais, nem caberia no escasso quarto de hora de que podemos dispor. Satisfaz-se, por isso, com assistir às diversas operações successivas a que vae proceder-se.

A primeira é a reproducção photographica, fazendo-se em uma machina a das photographias e em outra a das orlas. Os clichês passam, em seguida, para a secção do pelliculado, para serem invertidos. Emquanto seccam, vae-se preparando a chapa de zinco com o esmalte photographico, e, pondo depois este em contacto com o negativo, realisa-se, por meio da luz electrica, a impressão respectiva. Seguem-se as operações necessarias para obter o desenvolvimento da imagem e a sua esmaltação com auxilio do fogo.

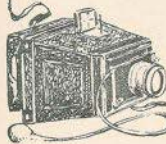
N'esta altura tira-se uma prova em papel Marion, que serve para o paginador typographico se guiar. E' a primeira prova das gravuras que figurarão no nosso proximo numero, que o leitor tem aqui diante dos olhos desde já, embora invertidas e naturalmente misturadas, sem obedecer a qual-

quer ordem, esta de um artigo de archeologia visinhando com esta outra referente a um successo da rua. Dentro de pouco, porém, a tesoura vae separar-as na redacção e assignar-lhes no projecto definitivo de folha, que está em organisação, a collocação que a cada uma é destinada nas paginas do jornal.

A chapa de zinco passa seguidamente para as mãos dos gravadores a meia tinta, que executam esta parte da gravura, e apoz para os gravadores de linha, incumbidos da terminação da orla.

Tira-se então uma segunda prova para apreciar o resultado definitivo do gravado, e a chapa de zinco transita para a officina de carpinteiro, a fim de ser montada sobre madeira.

Terminou a tarefa das officinas de photographura. O zinco gravado e assente no seu calço de madeira é entregue à officina typographica, que vae organizar a pagina do jornal, preenchendo com o texto já composto, e que se recorre na



volta pela administração, cujos serviços occupam oito empregados, e onde vamos colher algumas informações interessantes.

Depois voltaremos á typographia, onde a faina prosegue, sem oferecer, contudo, qualquer pormenor especial que nos interesse, e, acompanhando o zinco das gravuras e o chumbo das letras, desceremos até á casa das machinas, para assis-



Gravura das chapas

medida necessaria, o espaço que não é occupado pelas gravuras.

E começam as torturas para que esse espaço disponível não sobeje nem escaceie. Uma



Retoque das chapas

tir á dobragem e á brochura do numero da *Ilustração Portuguesa*, cuja confecção temos acompanhado, desde o começo, n'este artigo.



Gravura de linha e tiragem de provas

vezes o artigo é maior, e tem que apertar-se, para fazer o milagre de metter o Rocio na Betesga. De outras, ao avesso, não chega e é preciso estical-o ou accrescental-o. As afflicções por que a gente ás vezes passa!

Enquanto se executa esse trabalho, porém, e para interromper um pouco a aridez dos detalhes technicos, vamos dar uma



Montagem das chapas de zinco nos calços de madeira



A officina de compo-

UMA DAS MAIORES TIRAGENS JORNALISTICAS DE LISBOA ♣ DE 6 A 12 MIL EXEMPLARES ♣ DE 12 MIL A 24 MIL EXEMPLARES

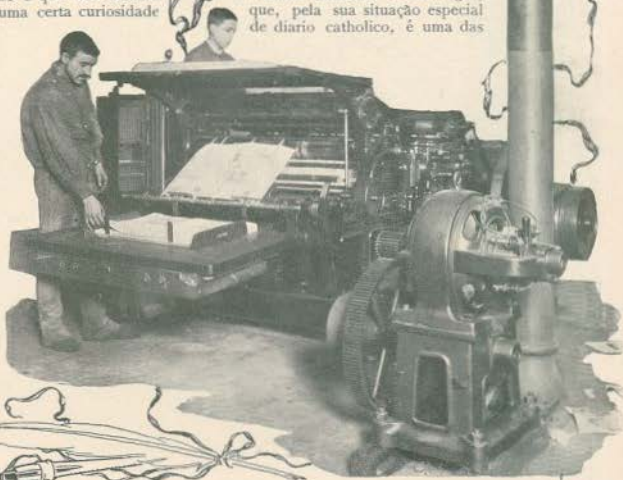
A expansão progressivamente crescente da nossa revista, que se accentua em especial desde a transformação do formato realisada com a inauguração da segunda serie, constitue um facto saliente na historia do jornalismo nacional, seguramente interessante para os futuros bibliographos e que não deixará de offerecer tambem uma certa curiosidade

para o publico, visto que a *Illustração Portuguesa* é, presentemente, um dos dois ou tres jornaes de Lisboa de mais avultada tiragem, excedendo, portanto, a de quasi todos os periodicos diarios da capital. De facto, por mais extraordinario que isso possa parecer aos que desconhecem os bastidores jornalisticos, a maior parte das gazetas noticiosas de mais vasta circulação não chegam a attingir, apesar do seu preço de venda a dez réis, o nivel a que alcança esta revista, e a venda nas ruas por ella mantida excede em mais de metade a que algumas obteem.

Não ha termo de comparação, naturalmente, entre a extraordinaria vulgarisação popular do *Seculo*, cuja tiragem média é de 85 mil

sição typographica

exemplares diarios, que se espalham de um a outro extremo do paiz, surgindo até no mais obscuro recanto de provincia afastada, e a *Illustração Portuguesa* com os seus actuaes 24.400 exemplares de tiragem. Estes representam, porém, approximadamente metade da tiragem do semanario *A Voz do Operario*, que tem a maior depois da do *Seculo*, e mas cujas condições de publicidade são, aliás, especiaes. Em outro sentido, citaremos tambem o *Portugal*, que, pela sua situação especial de diario catholico, é uma das



A machina onde se faz a impresso das capas da *Illustração Portuguesa*

folhas de Lisboa que figura entre as maiores tiragens de segunda ordem, alcançando a cerca de 10 mil numeros, mas que não possui, por certo, uma venda avulso, que corresponda sequer á quarta parte da da *Illustração Portuguesa*. A nossa revista entrega effectivamente aos vendedores, cada semana, 4:800 exemplares e distribue mais 2:800 pelas tabacarias e kiosques, elevando-se, por consequencia, a sua venda avulso de cada numero, em Lisboa, á totalidade de 7:600 exemplares, bem rara, sem duvida, entre as outras publicações. No Porto, a venda avulsa da *Illustração Portuguesa* sobe a 3:200 exemplares, e ahí ainda com mais sobeja razão nos podemos, con-

ficações que caracterizam a segunda série. A média da tiragem d'esse anno foi de 11:170 exemplares. Deve, comtudo, notar-se que, sob a nova fórma adoptada, no primeiro semestre apenas houve dezoito numeros. No segundo anno, que foi o de 1907, a tiragem média geral foi de 10:885 exemplares, começando desde os seus ultimos mezes a accentuar-se, porém, o constante augmento, que nos conduziu gradualmente á actual tiragem de 24:400 exemplares.

A *Illustração* franceza, fundada em 1843, tem uma tiragem de 100:000 exemplares, o que em relação aos 36 milhões da população de França representa uma proporção de venda de 2:700



UM ALPENDE COLOSSAL

Na produção das photogravuras publicadas pela *Illustração Portuguesa* empregam-se annualmente 1:470 chapas de zinco de 61 centímetros de alto por 40 de largo e com a espessura de 3 millímetros. Podia com esta enorme quantidade de zinco construir-se uma cobertura metallica com 806 metros de comprimento e 588 metros de largura, que bastaria para abrigar a cidade desde a Graça até á Sé

sequeamente, desvanecer com qualquer paralelo a que queiram sujeitar-nos.

Mais de 12 mil exemplares são absorvidos pela assignatura, o que não supponho que tenha acontecido jámais com qualquer outra revista do nosso paiz.

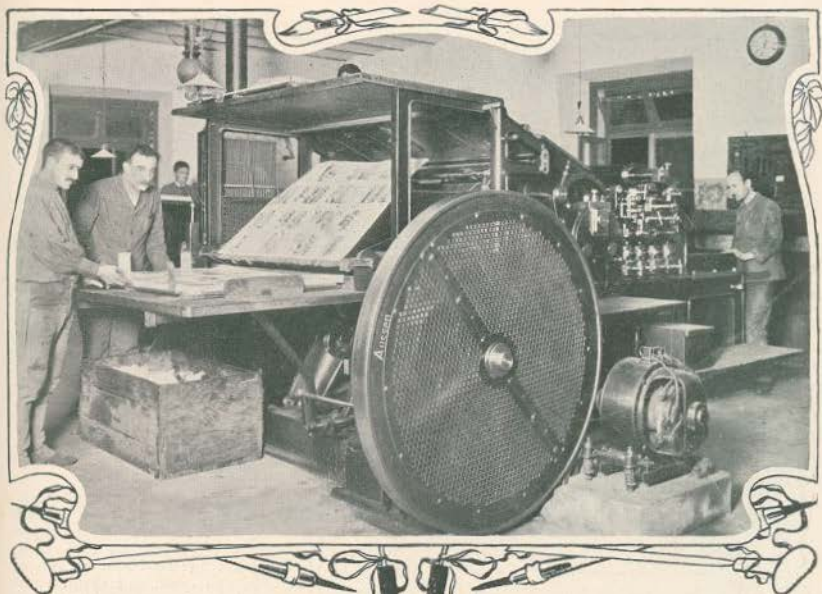
Desde o começo do seu apparecimento até terminar a primeira série, a *Illustração Portuguesa* conservou uma tiragem média de 6:500 exemplares. Foi em 1906 que o formato do jornal se transformou, para o tornar mais commodo, e que foram introduzidas as restantes modi-

numeros por milhão de habitantes. Esta proporção é, para a *Illustração Portuguesa*, de 6:000 numeros por milhão de habitantes.

Os leitores devem estar naturalmente cansados dos anteriores algarismos e estatisticas, mas não podiamos eximir-nos a fazer esta demonstração expressiva.

DE NOVO NAS OFFICINAS À CONCLUSÃO DO NUMERO O TUMULTO DA VENDA

Concluiu já a paginação na typographia. Tiraram-se as respectivas provas, para o



A machina onde se faz a

tiragem da primeira folha

revisor corrigir, e acabaram de emendar-se. As fôrmas vão ser enviadas para a casa das machinas, a fim de fazer-se a impressão. Desçamos com ellas.

Em uma machina especial corre a impressão das capas do numero, feita a tres côres. Em outra prosegue a tiragem da primeira folha de 16 paginas.

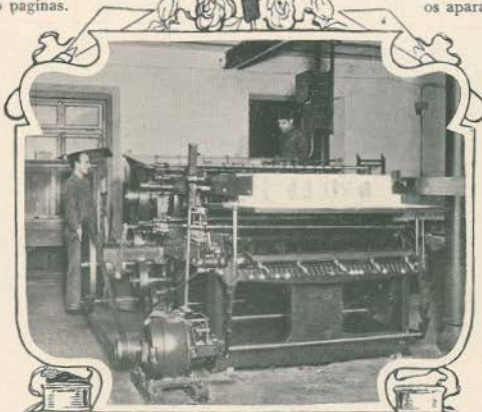
Esta segunda, que chega agora, vai ser imposta na machina, sem demora; proceder-se-ha em seguida ao alceamento das gravuras, e vista uma ultima prova pela redacção, a machina principia a funcionar. O trabalho e o ruido isocrono de cada uma prolonga-se, invariavel, sem intermitencias, até ter produzido os 24:400 exemplares, que são precisos para a venda e a expedição.

Depois de seccas, as folhas que saem do préto vão á ma-

china de dobragem, e passam d'ali para a brochura, que é executada em parte por mulheres, occupando dezoito pessoas.

Está o numero prompto: os dois cadernos que o constituem devidamente enfaixados e cosidos com a capa. Accumula-se um monte sob a faca da guilhotina, para os aparar. E' a ultima operação material da *Ilustração Portugueza*.

Chegou a hora da abertura da venda. Os jornaes, contados, empilhados em maços, estão promptos para ser entregues aos rapazes, que de ha muito esperam, enchendo a rua com a sua alegria juvenil, offerecendo umas vezes á vizinhança concertos mais ou menos afinados, outras aventando os mais extraordinarios episodios picarescos. Abre-se a porta da casa da venda, e precipitam-se, todos



Machina da tiragem da segunda folha

pela ambição de ser os primeiros a receber os seus numeros.

Actualmente são mais de trezentos vendedores que acodem todas as segundas feiras aqui para levarem cerca de cinco mil exemplares da *Ilustração Portuguesa*, que cada semana são entregues á venda nas ruas. No anno passado a nossa media de vendedores fôra de 250,



Machina de dobragem e guilhotina de aparar os fasciculos



A brochura dos numeros

e no anterior tinha sido de 110.

O nosso pessoal empregado, presentemente, na expedição e distribuição da *Ilustração Portuguesa* eleva-se a trinta pessoas.

O serviço da administração é feito por oito empregados.

E já agora diremos tambem que, além

d'este, e não falando nos seus redactores, desenhadores e photographos, a *Ilustração Portuguesa* possui mais o seguinte pessoal effectivo: typographia, 12 pessoas; photogravura, 13; machinas, 10. Na sua totalidade, não anda, por certo, muito longe de um cento o numero de pessoas que trabalham comosco para cumprir a tarefa semanal, que se afigurava bem mais facil ao leitor antes de realizar comosco este pequeno passeio.

OS COLLABORADORES DA «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» ÀS SUAS INICIATIVAS E VANTAGENS ÀS NOSSAS TRANSFORMAÇÕES

Tal é a *Ilustração Portuguesa*, que,



Parte interior da casa de venda

(CLICHÉS DE ROCAPULL)

como se vê, possui a sua vida própria e autonoma, uma authentica prosperidade, uma irradiação enorme, que cada dia augmenta; e é com legitimo orgulho que constatamos ser esta a primeira vez que isso succede em Portugal com uma revista illustrada.

Pelas suas paginas teem passado os nomes mais illustres da litteratura nacional: Eça de Queiroz, Ramalho Ortigao, Theophilo Braga, Anthero de Quental, Fialho de Almeida, conde de Sabugosa, Luiz de Magalhães, Abel Botelho, Julio Dantas, Eugenio de Castro, Alberto de Oliveira...

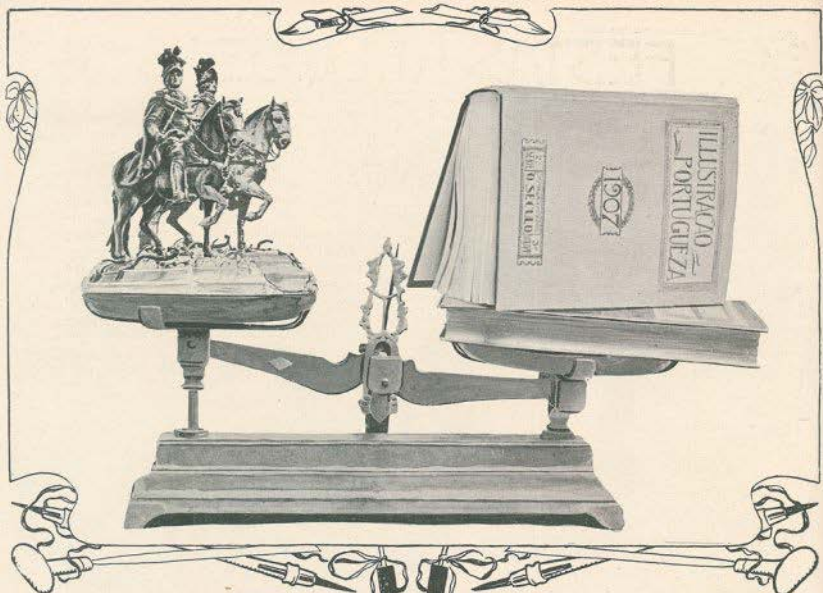
Além d'isso, a *Illustração Portuguesa*, durante este periodo da sua segunda série, organiou concursos, exposições de arte, concertos, e promoveu o famoso raid hippico do anno passado, o primeiro que se realisou no nosso paiz. A sua iniciativa, principalmente no sentido do desenvolvimento artistico nacional e da educação do gosto publico não tem tido descanço, e para novos committimentos se prepara ainda.

E é na consecução do seu programma de constante aperfeiçoamento que vamos realisar, dentro de pouco, uma nova modificação do jornal, ampliando o seu numero de paginas de 32 para 40, de maneira a poder dar um maior desenvolvimento á parte litteraria sem



A «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» E A ESTATUA DE D. PEDRO IV NO ROCIO
O numero dos exemplares, que se imprimem e vendem annualmente da *Illustração Portuguesa*, sobrepostos uns sobre os outros, formaria uma montanha de papel da altura de 2:268 metros.
Com este mesmo numero de jornaes poderia erigir-se um monumento, de ampla base, e com 34 metros de altura, que portanto ultrapassaria a altura da estatua erigida ao adador da Carta e os mais altos edificios da capital





NOS DOIS PRATOS
O peso dos números da tiragem annual da *Illustração* empregado para fundir a estatua equestre. Duas estatuas eguaes ás do Terreiro do Paço sa o peso do papel dos dois volumes

DA BALANÇA
ção Portuguesa eleva-se a 118.160 kilogrammas. O tre de D. José pesava 50 mil kilogrammas. não bastariam ainda para equilibrar na balança as *Illustração Portuguesa*

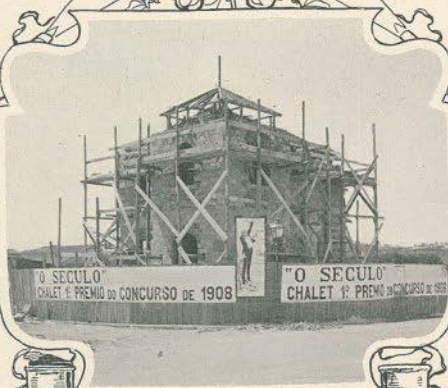
prejuizo de uma intensa reportagem photographica, que passará a abranger tambem o acontecimento brasileiro.

No plano de desenvolvimento que vamos dar á parte litteraria entra egualmente a publicação permanente

de uma novella original dos mais eminentes escriptores portuguezes e brasileiros, bem como a inserção de artigos assignados pelos nomes mais illustres das duas litteraturas. De resto, a *Illustração Portuguesa* pretende, com o maior empenho, tomar-se o órgão officioso de uma approximação entre a mentalidade dos dois paizes, tornando conhecida em Portugal, como o merece, a obra valiosissima dos homens de letras brasileiros, entre os quaes figuram talen-

tos da superior envergadura de Coelho Netto, Olavo Bilac, Raymundo Correia, Euclides da Cunha, Machado d'Assis, Lucio de Mendonça, Paulo Barreto e tantos outros.

Aqui está, pois, o que será em breve a nossa revista, que, d'este modo, timbra em mostrar-se digna do favor com que o publico a tem sempre acolhido, correspondendo ás esperanças e á confiança que esse favor representa, e, essencialmente, cumprindo todas as promessas por ella feitas. E é com a mais viva satisfação que annunciamos hoje aos nossos leitores e assignantes as transformações e melhoramentos que proximoamente a *Illustração Portuguesa* vae realisar.



OS COUPONS DA «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»

A nossa revista, alem dos outros ordenes annuaes, distribuidos por meio de concurso, offerece aos seus leitores a

possibilidade de alcançar um magnifico chalet, construido com todas as condições do conforto moderno
(CLICHE DE BENOLIEL.)

FESTAS RELIGIOSAS

As photographias a que damos hoje logar n'esta pagina; reproduzem trechos de uma das mais interessantes e commoventes cerimoniaes religiosas a que temos assistido — a de uma procissão que se realisou no estabelecimento de educa-



Irmãs educadoras de S. José de Cluny cantando coros religiosos acompanhados a orgão, na passagem da procissão

gens da Virgem, do Coração de Jesus e S. José. Os canticos das irmãs, d'uma commovedora uncção religiosa, punham n'esse desfile de creanças uma nota consoladora e balsamica.

CLICHÉS DE BENOLIEL



Procissão de creanças que fizeram a sua 1.^a communhão O penão—Educandas do mesmo collegio conduzindo o andor do Coração de Jesus—Educandos do collegio da Immaculada Conceição conduzindo o andor da Virgem—Educandos do collegio de S. José conduzindo o andor d'este santo

ção dirigido pelas irmãs de S. José de Cluny, nas escadinhas de S. Chrispim, na tarde do dia em que na capella teve logar a primeira communhão aos educandos e educandas dos collegios de S. José e da Immaculada Conceição. Essas photographias foram obtidas no vasto jardim d'esse modelar estabelecimento de educação, quando as creanças desfilavam procissionalmente, transportando n'uma cuidadosa ternura, e com um carinho verdadeiramente encantador, os pequenos andores onde os braços de rosas, cravos e lyrios serviam de pedestal ás ima-



UMA EXCURSÃO A COIMBRA

COIMBRA tem o sublime encanto das coisas velhas, que atravez dos tempos puderam conservar alguns traços tradicionaes. O progresso vai, em larga escala, cumprindo ali a sua obra destruidora do passado atrazamento: rasgando avenidas, levantando casas modernas, ajardinando, montando telephones, luz e *tramways* electricos; mas algo das passadas eras ficou em os monumentos, nos usos acade-



Coimbra vista de Santa Clara
(CLICHÉ DO DR. JULIO PIRES DE LIMA DA FONSECA)
das crêches de Coimbra, em que tomam parte, além de muitos academicos e a sua tuna, alguns dos mais distinctos amadores da capital. Estes voltam sempre encantados com o successo obtido e com o ardor do entusiasmo com que são acolhidos. Especialmente as sr.^{as} D. Sarah Vieira Marques e D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso tem ali grandes admiradores do seu extraordinario talento, que vivamente as festejam sempre.

As familias dos estudantes de Lisboa que frequentam a Universidade aproveitam aquella occasião para os visitar e passam na cidade do Mondego dois ou tres dias adoraveis em passeios, diversões de *sport*, jantares e serenatas que lhes são especialmente dedicados.

A concorrência augmenta de anno para anno e, juntando-se á primeira sociedade de Coimbra, dão o maior brilhantismo ao concerto e torneio de tiro aos pombos em que tomam parte os melhores atiradores do paiz.

A novidade d'este anno foi a festa nocturna oferecida pelo sr. Camara Leme e seus compa-



Torneio de tiro aos pombos em Coimbra: sr. Mario Duarte entregando a taça Mocidade ao novo detentor dr. Elyzio de Casiro
—Um aspecto do stand da sociedade O Tiro

micos e tradições populares. E' isto, pois, o que a Coimbra attrahe forasteiros e explica as interessantes excursões que ali fazem varias familias da capital.

Uma senhora de talento e coração, cheia de actividade — a sr.^a D. Marianna Portocarrero da Camara, esposa de um dos mais illustres lentes da Universidade, soube aproveitar esta corrente para um fim caritativo, e assim conseguiu organizar annualmente um esplendido sarau em beneficio





Na estufa do jardim Botânico em Coimbra: Grupo de estudantes

neiros de residência na quinta do Castanheiro. Constatou a reprodução d'uma fogueira do S. João, festa tão típica coimbrã, para que foram convidados os melhores tocadores e cantadores, assim como varias *tricanas* para ali dançarem.

A quinta do Castanheiro está



Sociedade O Tiro de Coimbra: Grupo de meninas no stand

chavenas da faiança que em Coimbra se fabrica.

Foi uma festa originalíssima de que todos voltaram encantados á cidade, sempre ao som das guitarradas e das mais enternecedoras quadras.

Apenas me entristeceu a certeza de que a decantada *tricana* coimbrã está prestes a desaparecer. Dizem-me que casaram muitas, outras levou-as a tísica, as que restam valem pouco. Não mais as noivas que nas suas terras ficam poderão ser picadas pelo ciúme como d'antes, a não ser que os noivos deem tal prova de mau gosto que desde logo os tornarão indignos d'ellas.

F. A.



A sr.^a D. Marianna Portocarrero, promotora do saraú em benefício das Creches de Coimbra, e a sr.^{as} D. Sarah Motta Marques e D. Eliza Baptista de Sousa (CLICHÉS DO SR. EVARISTO PESSOA)

FESTA INFANTIL EM PARIS

CREANÇAS PORTUCUEZAS PREMIADAS



A filha do sr. barão de Almeida Santos

No dia 24 do mez passado realisou-se em Paris, no cercle do Polo, que tem a sua sede no Bois de Boulogne (Pelouse de Bagatelle), uma graciosa festa de creanças, concorrida por uma parte da colonia portu-



Filhos dos srs. barão de Almeida Santos e visconde de Faria

os pequenos personagens portuguezes que tomaram parte na festa, onde obtiveram primeiros premios os filhos mais novos do distincto photographo amator e do sr. marquez de Val-Flôr.



A filha dos srs. marquezes de Val-Flôr — O filho do sr. barão de Almeida Santos

CLICHÉS DO SR. VISCONDE DE FARIA

gueza. Tomaram n'ella parte effectivamente os filhos dos srs. marquez de Val-Flôr, visconde de Faria e barão de Almeida Santos, que são, com o sr. conde de Penha Longa, os quatro unicos portuguezes socios d'aquella elegante sociedade sportiva.

As photographias que reproduzimos n'esta pagina e que foram tiradas na occasião pelo sr. visconde de Faria, a cuja amabilidade as devemos, mostram

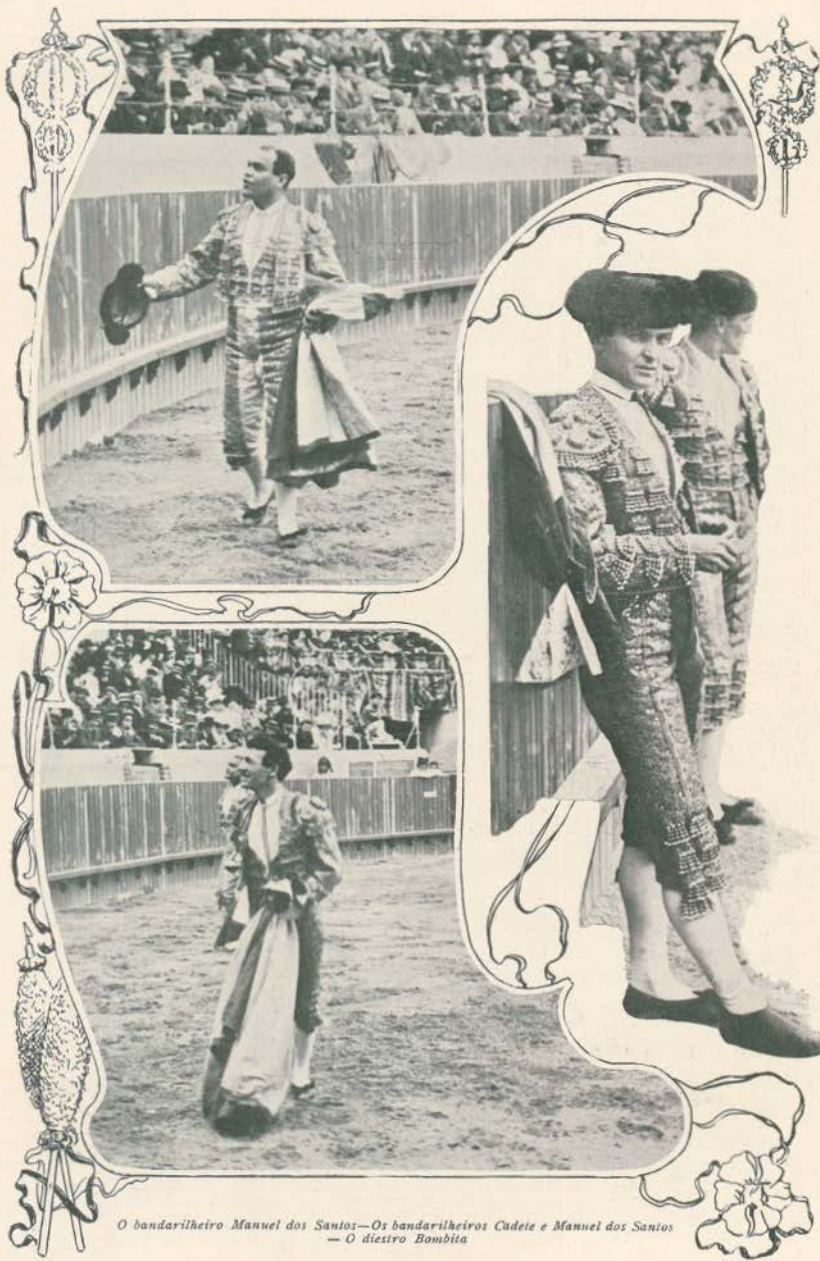


UM DIA DE TOUROS

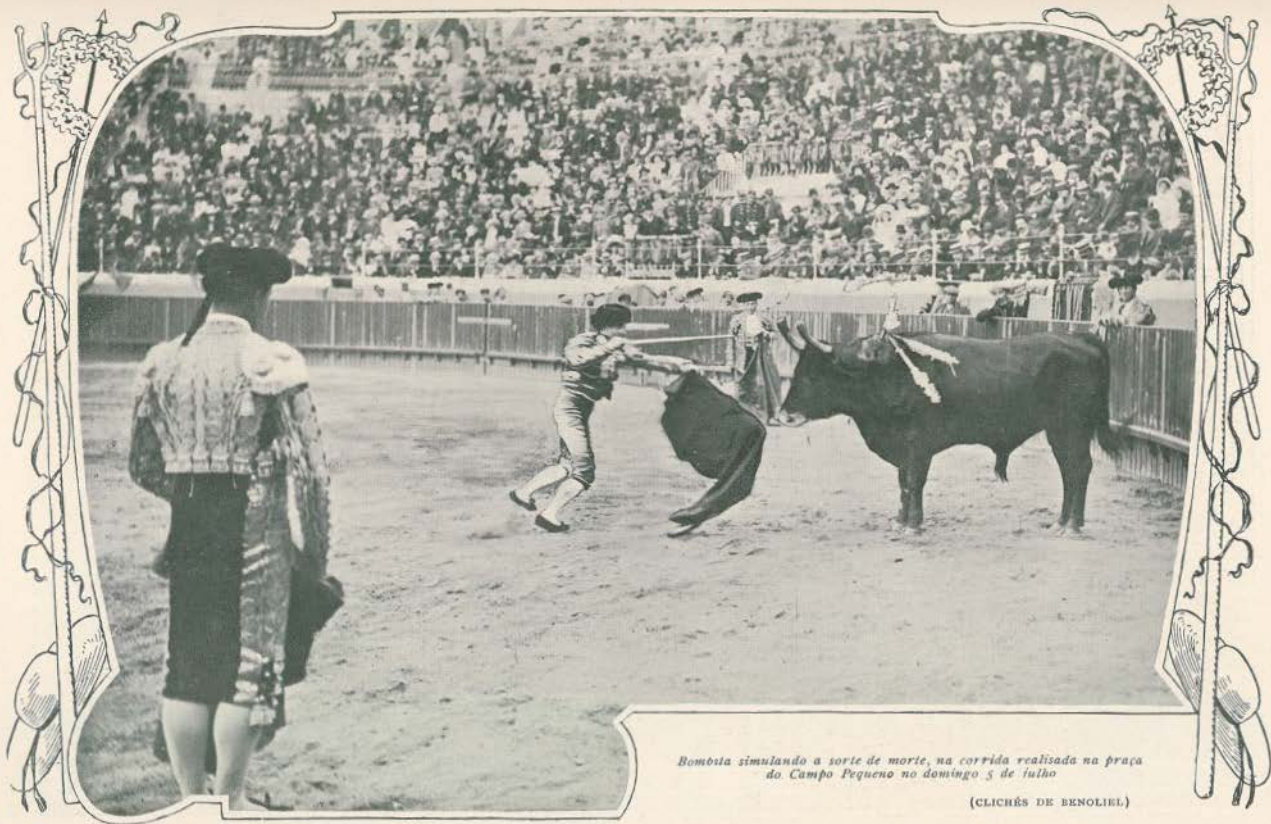
BOMBITA NO CAMPO PEQUENO



Bombita toureando de muleta, na corrida de 5 de julho



O bandarilheiro Manuel dos Santos—Os bandarilheiros Cadete e Manuel dos Santos
— O diestro Bombita



Bomista simulando a sorte de morte, na corrida realizada na praça do Campo Pequeno no domingo 5 de julho

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

VIAGEM DO CRUZADOR D. AMELIA Ao BRAZIL



Partiu no dia 4 do corrente para o Brazil o cruzador *D. Amelia*, que vae ao Rio de Janeiro com a missão de representar Portugal nas festas da abertura da exposição, devendo no seu regresso visitar tambem os portos da Bahia, de Pernambuco e do Pará.

Como se sabe, El-Rei D. Carlos tencionava fazer uma viagem ao Brazil, e a sua ida era ali aguardada com verdadeiro entusiasmo, não só pela colonia portugueza, sempre constante em provas de dedicação á mãe patria, como pelo povo brasileiro, tão affectuosamente amigo do nosso paiz. O malgrado soberano, por sua parte, empenhava-se com o maior interesse em realizar essa visita, conscio das suas vantagens politicas e convicto de que ella contribuiria de uma maneira definitiva para solidificar os laços que devem unir as duas nações que falam a



mesma lingua. E' escusado relemburar os acontecimentos dolorosos que impediram a realisação de semelhante plano, e, quanto seja provavel que El-Rei D. Manuel venha a executa-lo mais tarde, não podia ainda fazel-o agora. Mas, por isso, vae um



Cruzador D. Amelia - Mercancia pontaria - Preparativos de partida



Grupo de officaes do cruzador «D. Amélia»: (Primeiro plano da esquerda para a direita, sentados) 2.º tenente Meilo Machado, 1.º tenente Pinheiro Silvano, commandante Nunes da Silva, 1.º tenente Abreu e Oliveira, Carlos de Sousa Leal. (Segundo plano) Machinista de 3.ª classe Passos, aspirante a commissario naval Covaciche, guarda marinha Alves de Souza, aspirante a machinista naval Eduardo Marques Correia, machinista de 2.ª classe Adriano Fernandes, 2.º tenente Marcellino Carlos

(CLICHÉ DA PHOT. VASQUES.)



dos nossos navios de guerra ao Rio de Janeiro, para testemunhar ao Brazil a nossa sympathia, para lhe mostrar que desejamos acompanhá-lo no seu desenvolvimento civilizador e queremos igualmente festejar a inauguração do seu certamen, em que de resto figuramos tambem, a fidalgo convite seu.

O commandante do *D. Amelia* recebeu, além d'isso, do chefe do Estado, o honroso encargo de fazer entrega ao sr. dr. Afonso

Pena, illustre presidente da Republica brazileira, do presente de que El-Rei D. Carlos havia tencionado ser em pessoa portador e de outro brinde com que o senhor D. Manuel, em seu nome proprio, quiz acompanhar aquelle.

O *D. Amelia* foi de Lisboa a S. Vicente de Cabo Verde, devendo seguir d'ahi para o Rio de Janeiro, onde está fixada para d'aqui a poucos dias a inauguração da exposição.



Parte da guarnição formada no convex poucas horas antes da sahida do navio

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

O CAMELOT

UM TIPO PARISIENSE

O sr. Morizot, que temos o prazer de apresentar aos leitores da *Ilustração Portuguesa*, é o rei dos camelots e acaba de revelar-se um emulo do famoso Lemoine, aventando a arte, aliás simplíssima, de fabricar o diamante em alguns minutos.

Como se sabe, o camelot é um typo essencialmente parisiense, de que nós não possuímos qualquer simile que se lhe approxime, de perto ou de longe. E' um vendedor ambulante de brinquedos, de toda a casta de bugigangas sem valor, mas um vendedor característico e *sui generis*, offerecendo sempre a sua mercadoria de um modo original, como, em regra, ella costuma tambem sê-lo.

Os meios de que o camelot se serve para attrahir a attenção do publico dão por vezes, na realidade, testemunho da mais engraçada e singular inventiva, que só elle possui, ou de que, pelo menos, só elle se aproveita. Em uma occasião, n'um restaurant, trava-se acalorada discussão entre o criado e um freguez sentado sósinho a uma banca. As vozes sobem gradualmente de tom, e os ou-



O camelot deitando o pó de *«perlin-pinpim»* no seu cadinho

tros frequentadores acabam por comprehender que o criado accusa o freguez de ladrão, acabando por agarrar-se-lhe ao fato, a fim de evitar a sua fuga até que sobrevenha um policia. Quando todos seguem já com attenção e curiosidade o conflicto, o individuo accusado tira effectivamente da algibeira duas colheres que atira para cima da mesa. Ha um murmuro de reprovação em todas as boccas, naturalmente. Mas, quando elle serena, o supposto gatuno sacca da outra algibeira qualquer novo brinquedo e começa o seu discurso approximadamente n'estes termos:

— *Je profite l'occasion, Messieurs...*

Toda a gente ri, e n'um abrir e fechar de olhos está vendida uma boa duzia de exemplares do novo invento, desde esse momento definitivamente lançado no mercado parisiense. Mas a popularidade é demasiado transitoria. D'ahi por alguns dias é preciso descobrir qualquer outra cousa nova, usar de outro meio engenhoso para attrahir as attentões. E assim acontece, porque a imaginação do camelot é absolutamente inexgotavel, e não lhe falta sequer, nas suas invenções, um espontaneo apositivo ironico, que as torna mais picantes e graciosas.



O camelot preferindo as palavras cabalísticas e aquecendo o cadinho com o auxilio de um phosphoro

Aqui temos, agora, por exemplo, este recente processo de fabricar rápida e facilmente o diamante, que o sr. Morizot, o rei dos *camelots*, acaba de aventar e de que tem tirado o mais completo successo.

E' sabida a historia pittoresca de Lemoine, o pretenso fabricante de diamantes artificiaes, que, depois de se ter farto seguramente de rir á custa dos ingenuos que o acreditavam e lhe pagaram o valioso segredo por bom dinheiro, resolveu, por uma medida de cautelosa prudencia, partir com destino incerto quando se sentiu mais apertado pela exigencia, na verdade algo indiscreta, de demonstrar a lealdade do seu maravilhoso systema.

E' claro que o episodio risonho não podia deixar de inspirar o *camelot*, e ahí temos a ultima novidade dos brinquedos parisienses, que conquistou, logo desde o primeiro dia, tão largo e merecido successo.

Como se vê das curiosas photographias que inserimos o processo Morizot é quasi tão singelo como o de Lemoine, e, no fim, inteiramente identico nos resultados.

Deita-se no cadinho uma pitada



*O camelot para arrefecer
cadinho serve-se do seu bonet como
"pentilador"*
(CLICHES DE M. BRANGER)



*O diamante obtido pelo novo processo do camelot
Morizot*

dos póz magicos, aquece-se com um mizero e mesquinho phosphoro de cera, depois arrefece-se, abanando-o simplesmente com o proprio chapéu, e... prompto: está fabricado um grosso diamante de bello vidro, que já lá estava dentro previamente.

Não ha nada, evidentemente, menos complicado, nada positivamente mais infantil, mas, pelo seu flagrante intuito critico, realisado de uma fórma tão inesperadamente comica, o novo brinquedo agradou e teve durante bastantes dias uma ampla venda assegurada.

Agora a seguir que outra invenção nos dará a imaginação inexgotavel dos *camelots*?

Não é facil, naturalmente, de prever, tanto mais que o *camelot* parisiense anda sempre azafamado á procura da actualidade, prompto a exploral-a, em um outro commento mais ou menos gracioso, mas que adquire rapidamente a popularidade. O que é certo, comtudo, é que ella não se demorará.

Companhia do

Papel do Prado

Proprietaria das fabricas do Prado, Matianata e Sobretinbo (Thomar), Penedoe Casal d' Bemio (Louza), Valle d' Sator (Albergaria a Velha).

Installadas para uma producção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continuo ou redonda e de fôrma

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endor. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO
PRADO—PORTO—LISBOA Numero telefonico: 508

DISPONIVEL

PRISÃO DE VENTRE HABITUAL

ALOINA HOUDÉ

ENXAQUECAS
FALTA DE APPETITE

A. HOUDÉ, 29, Rue Albouy, Paris.

Gaston Lot

PROTHESE DENTARIA

EXTRACÇÃO de dentes sem dor desde 300 rs.

Colocação de dentes desde 500 rs.

Consultorio chirurgico-dentario, R. das Chagas, 42, 1.º (Ao Calhariz)

TELEPHONE 1.882

Nestlé

Farinha lactea

PREÇO 400 RÉIS

36 medalhas de OURO incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

SEIOS

Desenvolvidos. Reconstituídos. Afirmoseados. Fortificados com as "Pilules Orientales"

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e firmeza do peito sem causar damno algum a saude. — Aprovado pelas notabilidades medicas.

J. Ratié, Pharmacien, 5, passage Verdun, Paris. Frasco com Instrukções réis 150 Tanco, para valle do correo enviado a: J. P. Bastos & C.º 39, Rua Augusta, Lisboa.

PLAQUES

JOUGLA

PAPIERS

DISPONIVEL

Agencia de Viagens R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

Ernst GEORGE

SUCCESSORES

FORNECEDORES DA CASA REAL

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços.

Viagens circulatorias a preços reduzidos e com itinerario á vontade dos viajantes na SUÍSSA, ITALIA, FRANÇA, ALLEMANHA, etc. Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte (o Sol á meia noite). Viagens ao Egypto e á Terra Santa. Passagens para o Brazil e Rio da Prata. Cheques de viagem substituindo vantajosamente as cartas de credito.

DISPONIVEL

Grape-Nuts



Alimento moderno para crianças e adultos. A melhor e mais leve
alimentação para ser tomada ao almoço, ao lunch e á cela. Todas
as pessoas que tem excessivo trabalho intellectual devem tomar
este precioso preparado alimentar.

Não precisa ser cozinhado

VENDE-SE EM PACOTES DE 300 RÉIS

Peçam em todas as hoas mercearias, casas de viveres, paste-
larias e pharmacias

POSTUM CEREAL G. L.^{DA} U. S. A.

DIRECÇÃO EM PORTUGAL E COLONIAS:

ESTEVES & ANAHORY

Rua de S. Nicolau, 71, 2.^o — LISBOA

Descontos aos revendedores

Telephone n.º 1.953

INSTITUTO de Belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiène, belleza e conserva-ção da juventude. Pro-ductos scientificos invisi-veis approvados pelo La-boratorio Municipal de Pa-ris. Apparelhos e productos contra a obesidade e excessiva magreza. Aguas e cremes para branquear a pelle das mãos, luvas e aparelhos para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embelle-cer a côr empregue todas as manhãs os maravilha-sos productos: **Loção crême e Pó Klytia**. Instruções para o seu emprego. **Tintura vegetal** garantida e inoffensiva. **Loção capilar** para elen-tar a queda dos cabelos e para impedir o embri-quecimento, dando-lhe a sua côr natural. **Depila-torio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa)** para evitar os pellos e fazendo-nos desapp-receer completamente. O Instituto de Belleza de-seja ter agentes nas principais cidades da Europa, preferindo casas perfumistas ou cabelleiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depositos em todas as principais cidades da França, da Eu-ropa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de belleza lecciona e dá curso de tratamento e embelezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo e-ral a quem o re-quisitar. **26, PLACE VENDOME, 26-PARIS**

DISPONIVEL

— AINDA É —

Tempo

De começardes as vossas ca-
dernetas de

COUPONS 400 COUPONS

ficando assim habilitados aos
magnificos premios que es-
tão destinados ao concurso
de 1908 e dos quaes fazem
parte

UM SOBERBO CHALET

2 Automoveis 2

Um HIATE

e premios de todos os gene-
ros para todos os gostos e
todas as idéas